

LEITURA CRÍTICA DA MÍDIA: EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA

*Os cidadãos civilizados não são produto do acaso,
mas de um processo educativo (Karl Popper).*

Graça CALDAS
Professora do Programa de
Pós-Graduação em Comunicação Social
da Universidade Metodista de São Paulo

RESUMO

A percepção do papel educativo da mídia na formação da opinião pública e geração de uma consciência crítica é fundamental numa sociedade moderna, em que os meios de comunicação de massa exercem um fascínio crescente sobre as mentes e corações, moldando e fabricando consensos. Nesse sentido, refletir sobre o processo de produção da informação e sobre a relação entre a mídia e a educação é tarefa inadiável para a construção da cidadania. A leitura crítica da mídia na sala de aula é, portanto, parte inerente do processo educativo e exige uma ação interdisciplinar entre educadores e comunicadores.

Palavras-chave: *Mídia. Educação. Cidadania.*

ABSTRACT

The perception of the educative role of the media in the shaping of the public opinion and the generation of the

critical consciousness is paramount in a modern society, where mass media exert a growing fascination over the minds and the hearts shaping and building consensus. Thers, to reflect on the process of information production and on the relationship between the media and education is a task not to be delayed if we think of constructing citizenship. The critical reading of the media in a classroom is, therefore, part of the educacional process and it requires an interdisciplinary work between educators and communicators.

Key-works: *Media. Education. Citizenship.*

No processo de leitura crítica da mídia, o exercício pleno de uma cidadania ativa só se configura no momento em que existe uma compreensão clara do papel da indústria cultural e do educador (professor e jornalista) como agentes mobilizadores e transformadores. Num momento em que a informação é vista como *business*, nada mais oportuno ao trabalho dos jornalistas e educadores do que assumirem uma postura realmente científica na tarefa de ajudar a interpretar a polissemia das vozes contidas na mídia, em lugar de apenas utilizá-las como fonte adicional de informação. Para que essa informação se transforme em conhecimento é essencial a percepção do *modus operandi* da mídia. Dessa forma será possível contribuir para decifrar as armadilhas do discurso competente presente na mídia pela voz de diferentes atores sociais representantes de diferentes segmentos e ideologias.

Utilizar as notícias veiculadas pela mídia no processo de aprendizado na sala de aula é uma exigência do mundo moderno e exige uma reflexão crítica permanente de seus leitores. Isso porque a informação é elaborada e reconstruída a partir de recortes e pontos de vista de múltiplos interlocutores. Decifrar o mundo vivido do mundo relatado e interpretado é parte inerente ao processo de educação com vistas à cidadania. Dessa forma, comunicadores e educadores estarão trabalhando para que a educação formal e a informal transformem-se, de fato, em educação plural.

Na leitura crítica da mídia, a linguagem constituída a partir de um “mundo editado” (Baccega, 1994:7), após passar por inúmeros “filtros”, encerra uma série de sentidos que precisam ser decodificados para serem apreendidos. É preciso ainda ficar atento à construção da linguagem e à ideologia presente em cada fala. Como mostra Santaella (1996: 330-331)

Toda linguagem é ideológica porque, ao refletir a realidade, ela necessariamente a retrata. (...) As linguagens que dão corpo às

Leitura crítica da mídia: educação para a cidadania

ideologias, na dimensão de cada cultura historicamente determinada, trazem inevitavelmente as marcas da posição política dos agentes sociais. (...) Não há linguagem possível, conseqüentemente, que não seja um feixe inicial de tensões políticas.

Conscientizar as pessoas por meio da mídia e com o apoio da escola, da família e do ambiente profissional é pressuposto para uma sociedade emancipada. Nesse sentido, o desenvolvimento de uma postura científica para saber captar, observar e analisar os fatos é aprender a “ler”, decodificar, decifrar, encontrar um sentido nas aparências. Procurar as causas e o contexto em que os fatos acontecem. É, ainda, perceber e entender as relações entre os fatos com um visão histórica e interdisciplinar.

O mito da objetividade da informação já foi há muito abandonado. Na prática, o ideal da objetividade é uma utopia perseguida, mas nunca alcançada, uma vez que, desde a coleta de dados, a observação dos fatos, do relato da declaração do outro à construção da notícia, inevitavelmente, ocorre uma construção de sentidos que vai além da realidade observada. A própria seleção do verbo introdutório da opinião relatada encerra sentido, como ensina Marcuschi (1991: 75,78 e 84). Para ele, a própria escolha do verbo utilizado no discurso jornalístico implica sua modalização e interpretação. “A hipótese que tento defender é a de que a ação dos verbos hierarquiza, reforça, discrimina, classifica etc, os autores das respectivas opiniões relatadas”. Ainda segundo Marcuschi, a neutralidade jornalística é impossível, porque “a parcialidade se dá na introdução do discurso alheio, seja como interpretação, seleção ou avaliação (...) Dessa forma, o termo “informação”, no caso da opinião informada, é sempre a apresentação de um discurso interpretado”.

Da mesma forma, a seleção dos verbos de opinião explicita e dá sentido ao discurso jornalístico. Koch (1996: 160) lembra que, “conforme postula Paulo Freire, o aluno necessita ser preparado para tornar-se o sujeito do ato de ler. Para tanto, é preciso que ele se torne apto a apreender a significação profunda dos textos em que se defronta, capacitando-se a reconstruí-los, a reiventá-los”.

Mas o ato da leitura não se dá de forma neutra. É preciso aprender a ler os múltiplos significados presentes na linguagem por meio da interpretação de suas marcas. Para a compreensão do texto, além das aparências, é necessário estar atento às marcas da enunciação que se encontram modalizadas por diferentes operadores argumentativos, cuja escolha determina o sentido pretendido pelo autor.

Aqui é importante recuperar a noção do caráter dialógico do discurso presente em Mikhail Bakhtin, para quem o discurso não é individual “porque se

constrói entre pelo menos dois interlocutores que, por sua vez, são seres sociais”, como explica Barros in Brait (1997:33).

Para que a leitura crítica da mídia, na sala de aula, se efetive, é fundamental, porém, seguir os ensinamentos de Freire (1996:15 e 25), para quem “*formar* é muito mais do que puramente *treinar* o educando no desempenho de destrezas” e “ensinar não é *transferir conhecimento*, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. Para ele ensinar exige: rigorosidade metódica; pesquisa; respeito aos saberes dos educandos; criticidade; estética e ética; a corporificação das palavras pelo exemplo; risco; aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação; reflexão crítica sobre a prática e o reconhecimento e a assunção da identidade cultural.

Para que a leitura crítica da mídia se efetive é preciso, portanto, entender o processo de produção e recepção da notícia, os múltiplos sentidos da linguagem levando em consideração os ensinamentos de Freire. Na verdade, como lembra Giroux (1986:32), “uma teoria da educação para a cidadania terá que combinar crítica histórica, reflexão crítica e ação social”. Ou ainda, como mostra Rousseau (1958:300), “formar o cidadão não é uma tarefa para um dia e, para contar com eles quando homens, é preciso instruí-lo ainda crianças”. O exercício da cidadania tão decantado no mundo moderno implica, portanto, aquisição de uma consciência social para poder realizar uma nova leitura da realidade e com isso transformar o indivíduo em sujeito histórico de seu tempo.

PAPEL DA MÍDIA

Os meios de comunicação interagem continuamente no cotidiano do cidadão. No imagiário popular, o que importa é como a mídia descreve, interpreta, fotografa e divulga o mundo. Se não saiu na mídia não aconteceu. A mídia pauta o mundo e forma ou deforma mentalidades. Mas qual seria o real papel da mídia? Para muitos tem função informativa e de entretenimento. Outros reconhecem seu potencial e papel educativo. Como funciona, porém, essa imensa indústria cultural que influencia diretamente o comportamento das pessoas? Como atua na construção de valores e crenças? Quais as diferenças fundamentais entre informação, conhecimento e opinião? Como construir uma opinião autônoma a partir das informações veiculadas na mídia? Qual o papel da escola na leitura crítica da mídia? O ponto de partida é compreender que, na mídia, o fato relatado é uma versão do fato observado. É um recorte frágil e distorcido da realidade.

Leitura crítica da mídia: educação para a cidadania

Na sociedade moderna, as múltiplas formas de transmissão de informação e o volume de dados veiculados instantaneamente, ao mesmo tempo em que democratiza o fluxo dificulta cada vez mais o processo de compreensão do receptor atordoado diante de múltiplas fontes de informação e ideologias associadas. As informações são selecionadas de acordo com os mais variados critérios: por meio das pessoas que as produzem - os jornalistas; os editores - responsáveis por sua publicação ou não e, finalmente, os empresários dos meios de comunicação, quase sempre representantes do poder, a quem servem de acordo com os interesses políticos e econômicos e não necessariamente segundo os princípios da responsabilidade social da informação.

O objetivo suposto da informação é a formação da opinião pública. Entretanto, a coletividade, em geral, pouca influência exerce na produção e seleção dessa informação, que nem sempre coincide com seus interesses e necessidades. Embora o discurso jornalístico pretenda descrever o real, não existe neutralidade da informação sequer na descrição desse real, que passa pela ótica do relator. Por outro lado, a fragilidade da notícia pode ocorrer também por determinação da linha editorial da empresa jornalística ou por deficiência na formação do jornalista, que não consegue articular o processo de produção da notícia a suas implicações sócio-econômicas e políticas. A fragmentação da informação termina, então, por comprometer a notícia, dificultando a compreensão e a percepção crítica da opinião pública.

A influência da mídia na formação da opinião pública tem sido objeto de vários estudiosos que atestam o poder daqueles que detêm a informação e particularmente dos que controlam os veículos de comunicação tais como: (Sodré, 1981), Caparelli (1982), Guareschi (1981), Herz (1991), Caldas (1988,1995), Almeida Filho (1976), Leal Filho (1988), Marcondes Filho (1984), Keane (1991), Bagdikian (1983), Gonzaga Mota (2002).

A divisão do saber é um problema fundamentalmente político e está diretamente vinculado à democratização do acesso aos meios de comunicação. Mas não basta o acesso, é necessário, também, o domínio desse saber. Foucault (1972) evidenciou a importância do saber nas relações de poder, desmitificando a neutralidade do conhecimento. Para ele, o discurso é o espaço do jogo estratégico e polêmico, razão pela qual não pode ser analisado simplesmente do ponto de vista lingüístico, como uma relação de dominação e de assujeitamento.

Referindo-se particularmente à mídia, van Dijk (1992) mostra que, em sociedades modernas, o acesso à mídia é, provavelmente, um dos instrumentos mais importantes de poder e domínio, face à enorme influência dos meios de comunicação de massa. Segundo ele, uma das tarefas cruciais da análise crítica

do discurso é justamente dar conta das relações entre discurso e poder social a partir de sua *práxis*.

A indústria cultural foi também analisada pelos teóricos da Escola de Frankfurt como Adorno e Horkheimer (1969), que estudaram as relações de dominação e de poder presentes nas sociedades capitalistas desenvolvidas. Eles apontaram, na época, a debilidade da sociedade civil em reagir aos aparelhos ideológicos do Estado, como reprodutores da ideologia dominante, cuja concepção foi elaborada por Althusser.

O conceito de ideologia de Althusser (1974) inclui como aparelho ideológico do Estado (AIE) o sistema de diferentes igrejas, o sistema político de que fazem parte os diferentes partidos, o sistema sindical, o sistema escolar e o sistema de informação (imprensa, rádio, televisão etc), que “funcionam de modo massivamente prevalente pela ideologia”. Gramsci (1979), por sua vez, colocou em evidência a função hegemônica do Estado e suas relações com a indústria cultural. Esses autores são fundamentais para se entender o papel hegemônico da indústria cultural e particularmente dos meios de comunicação.

O modelo de gestão capitalista da comunicação em que a informação é vista apenas como mercadoria contribui para uma nova forma de colonização social em que os cidadãos são meros consumidores. A mundialização dos hábitos e comportamentos em função da mudança da cultura livresca para a cultura midiática, imagética, resulta em armadilhas da informação compartilhada e na formação do pensamento uniforme.

Como explica Ramonet (1999: 8)

Essa máquina da comunicação moderna, acompanhada de uma volta dos monopólios, traz inquietação aos cidadãos, e com razão. Eles se lembram das advertências feitas outrora por George Orwell e Aldous Huxley contra o falso progresso do mundo administrado por uma polícia do pensamento. Eles temem a possibilidade de um condicionamento sutil das mentalidades em escala planetária. No grande esquema industrial concebido pelos donos das empresas de lazer, cada um constata que a informação é antes de tudo considerada uma mercadoria, e que esse caráter prevalece, de longe, sobre a missão fundamental da mídia: esclarecer e enriquecer o debate democrático.

Por outro lado, nas sociedades modernas, a teoria da dependência não mais se aplica, na sua totalidade, à comunicação. A complexidade da indústria cultural e suas intrincadas redes de poder exigem hoje análises interdisciplinares.

Leitura crítica da mídia: educação para a cidadania

No caso brasileiro, essa teoria pôde ser aplicada com maior ênfase, no período militar, quando os meios de comunicação estavam submetidos à censura prévia. Hoje, no entanto, a recepção da informação não se dá mais de forma inteiramente passiva face ao crescente processo de organização social. Entretanto, a credibilidade da informação passa pelo conhecimento dos grupos midiáticos e de suas relações com o poder político e econômico.

Não basta, portanto, ensinar os alunos a lerem as matérias veiculadas nos meios de comunicação para uma compreensão da realidade. É necessário, sobretudo para os jovens novos leitores e telespectadores cobiçados pelas empresas de comunicação, explicar que o mundo real é bem mais amplo, contraditório e complexo do que o enquadramento fugaz da notícia apresentado na tela da televisão, do computador ou das páginas de jornais e revistas; que o simulacro, a representação do real não podem ser substituídos pela experiência vivida e refletida. É a partir da análise dos discursos jornalísticos de cada segmento midiático e no confronto deles que se torna possível a compreensão das relações de poder.

Como mostra Certeau (1982:66-77), a articulação da história com um lugar dado é a condição de uma análise da sociedade.

Toda pesquisa historiográfica se articula em um lugar de produção sócio-econômico, político e cultural. Implica um meio de elaboração, que está circunscrito por determinações próprias: uma profissão liberal, um posto de observação ou de ensino, uma categoria de letrados etc. Ela está, pois, submetida a imposições, ligada a privilégios, enraizada em sua particularidade. É em função deste lugar que se instauram os métodos, que se delinea uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhes serão propostas, se organizam.

Para propiciar um entendimento claro do funcionamento da mídia é preciso formar leitores e telespectadores capazes de compreender o mundo em que vivemos. Um mundo caleidoscópico, que se apresenta em forma de mosaico sem nexos, que vive transfigurando e refigurando o espetáculo da vida como se confundisse com os reality shows, os big brothers que invadem cada vez mais as casas dos telespectadores.

Se é verdade que a multiplicidade e a segmentação de veículos traz novas opções de acesso à informação, observamos, também, novas e sofisticadas formas de controle da produção a partir da concentração crescente da indústria da comunicação. Nesse mundo multimídia em que tudo se articula, a fragmentação da informação para obedecer à lógica dos suportes midiáticos termina por confundir a opinião pública.

DE CIDADÃOS A CONSUMIDORES

No mundo midiático, digital, instantâneo, a informação é cada vez mais estilizada, pasteurizada e os fatos recortados da realidade sem nexos, sem contexto, sem passado, sem história, sem memória, numa destruição clara da temporalidade, como se o mundo fosse um eterno videoclipe. Dessa forma, mais confundem do que esclarecem e mais deformam do que formam. A indústria cultural ou da consciência precisa ser desvelada na sala de aula, onde é necessário entender que a mídia condiciona não *pele* que informa, mas *como* informa.

Para acabar com o consenso fabricado é necessário redescobrir o mundo real. Não se trata aqui de demonizar o uso da mídia, mas entender claramente seus potenciais e limites. Trata-se de transformar os clientes em cidadãos, de acabar com o fetiche da mercadoria, da religião do consumo, da atualização do “*up grade*”, de deixarmos de ser zumbis culturais e nos transformarmos em cidadãos.

O exercício da cidadania passa, porém, pela compreensão dos conflitos naturais de interesses existentes entre os patrocinadores da mídia, que visam ao lucro, proprietários que buscam a preservação de suas relações de poder e os jornalistas, que lutam cotidianamente pela descrição e interpretação do real.

RECEPÇÃO CRÍTICA

A leitura e recepção crítica da mídia implica, portanto, saber ler, decodificar, interpretar e encontrar sentido nas aparências. Procurar as causas e o contexto do acontecido. Perceber as relações estruturais com uma visão histórica e interdisciplinar. Entender que as relações com os meios não se dão de maneira unívoca e que quem controla os meios tem o domínio de seus efeitos, daí a importância de múltiplas visões para a formação e conformação das opiniões.

O grande desafio da escola moderna é manter sua capacidade de educar as crianças e jovens para o mundo em que vivem, onde os apelos persuasivos da comunicação interferem diretamente no processo do aprendizado. É atuar junto aos alunos no processo de aprender a pensar. O aprendizado cidadão, que converte a informação em conhecimento, é fruto de reflexão, não se dá automaticamente pela repetição mecânica da informação apreendida, mas pela informação discutida, contextualizada, repensada, reelaborada, reconstruída. É a possibilidade de se transformar a sala de aula em produção do conhecimento, do aluno em autor como participante da re/construção da informação.

Leitura crítica da mídia: educação para a cidadania

Como lembra Baccega (1998: 8):

O conhecimento é um processo que prevê a condição de reelaborar o que vem como um "dado", possibilitando que não sejamos meros reprodutores; inclui a capacidade de elaborações novas, permitindo reconhecer, trazer à superfície o que ainda é virtual, o que, na sociedade, está ainda mal desenhado, com contornos borrados. Para tanto, o conhecimento prevê a construção de uma visão que totalize os fatos, inter-relacionando todas as esferas da sociedade, percebendo que o que está acontecendo com cada uma delas é resultado de uma dinâmica que faz com que todos interajam, dentro das possibilidades daquela formação social, naquele momento histórico; permite perceber, enfim, que os diversos fenômenos da vida social estabelecem suas relações tendo como referência a sociedade como um todo. Para tanto, as informações – fragmentadas – não são suficientes.

No processo de aquisição do aprendizado cidadão, os meios de comunicação são ferramentas importantes na sala de aula. Ao pesquisar conteúdos informativos veiculados na mídia, o aluno, sob a orientação do professor, poderá refletir sobre o mundo relatado e o mundo vivenciado. Saber ler, entender e questionar o autor, é essencial no mundo moderno. Como observa Demo (2001:89), "o aluno que aprende a pesquisar, aprende a aprender". A porta de entrada do conhecimento é, portanto, aprender a aprender, para aprender a pensar e a fazer sua própria história.

Como os meios de comunicação fazem parte de nosso cotidiano, é necessário aprender a lê-los para que a informação veiculada adquira um sentido histórico. Saber ler implica entender que a notícia é uma realidade construída e uma forma de conhecimento mediada por diferentes interlocutores. O conhecimento sistemático e formal é necessário, mas não garante a cidadania. O papel da escola vai além dos conteúdos programáticos prescritos em diferentes disciplinas. Passa pela articulação desse conhecimento com o contexto social em que vive o educando para que a informação ganhe sentido.

A leitura crítica da mídia exige educadores e comunicadores que ajudem os leitores a descobrirem o mundo fora das "telas" para a construção de um saber ao mesmo tempo coletivo e autônomo e de uma cidadania ativa e transformadora. A cidadania crítica num mundo desterritorializado, virtual, sem fronteiras, mediado pela comunicação digital, que transforma os fatos, as relações, os processos, em imensos hipertextos, implica um olhar político, participativo. Dessa forma estaremos nos transformando em historiadores do cotidiano e sujeitos de nossa própria história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTHUSSER, L. *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*. Lisboa. Ed. Presença-Martins Fontes, 1975.
- BAGDIKIAN, H. Bem. *The Media Monopoly*. USA: Beacon Press, 1983.
- BACCEGA, Maria Aparecida. *Comunicação e Linguagem*. Discursos e ciência. São Paulo: Moderna, 1998.
- BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas: Ed. Unicamp, 1997.
- CALDAS, Graça. *Comunicação Educação e Cidadania: o papel do jornalismo científico*. In *Produção e Circulação do Conhecimento*, v. 2, GUIMARÃES, Eduardo (org.), Campinas: Ed. Pontes, 2002.
- CALDAS, Graça *O Discurso Nuclear no Brasil*. Dissertação de Mestrado. UESP, São Bernardo do Campo: 1988.
- CALDAS, Graça. *O Latifúndio do Ar: Mídia e Poder na Nova República*. ECA/USP, São Paulo: Tese de Doutorado, 1995.
- CAPARELLI, Sergio. *Televisão e capitalismo no Brasil*. Porto Alegre: L&PM, 1982.
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense, 1982.
- Código de Ética do Jornalista Brasileiro: Site do Sindicato dos Jornalistas do Estado de São Paulo. <www.sjisp.org.br>
- DEMO, Pedro. *Conhecimento moderno: sobre ética e intervenção do conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- DEMO, Pedro. *Saber pensar*. Guia da Escola Cidadã-Instituto Paulo Freire 6. São Paulo: Cortez, 2001.
- FARIA, Maria Alice e ZACHETTA Jr, Juvenal. *Para ler e fazer o jornal na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2002.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GIROUX, Henry. *Teoria crítica e resistência em educação*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a Organização da Cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- GUARESCHI, Pedrinho.(org.). *Os construtores da informação: meios de comunicação, ideologia e ética*. Petrópolis, Petrópolis: Vozes, 2000.

Leitura crítica da mídia: educação para a cidadania

- HERZ, Daniel. *A história secreta da Rede Globo*. Porto Alegre: Ortiz S/A, 1991.
- HORKHEIMER, W e ADORNO, Theodor W. *A indústria cultural*. In Costa Lima, Luiz (org.). *Teoria da Cultura de Massa*. Rio de Janeiro: Saga, 1969.
- KOCH, Ingedore G. Villaça. *Argumentação e Linguagem*. São Paulo: Cortez, 1996.
- MACONDES Filho, Ciro (org.). *Imprensa e Capitalismo*. São Paulo: Kairós, 1984.
- MARCUSCHI, Luiz Antonio. A ação dos verbos introdutórios de opinião. In Revista Brasileira de Comunicação. São Paulo: ano XIV, nº 64, janeiro/julho de 1991.
- RAMONET, Ignacio. *A tirania da Comunicação*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Obras completas*. Porto Alegre: Globo, 1958.
- SANTAELLA, Lúcia. *Produção de linguagem e ideologia*. São Paulo: Cortez, 1996.
- SODRÉ, Muniz. *O monopólio da fala. Função e linguagem da televisão no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1981.
- VAN DIJK. T.A. *News as Discourse*. Hillsdale, NJ. Erlbaum, 1988.